

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O SERTÃO VAI VIRAR MAR

MOACYR SCLiar

Altamente Recomendável — FNLIJ

ea
editora ática

O sertão vai virar mar
© Moacyr Scliar, 2002

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Preparadora	Lúcia Leal Ferreira
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida
Estagiária	Fabiane Zorn

ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M. Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf
Ilustrações	Nelson Cruz
Ilustração de Euclides da Cunha	Samuel Casal
Estagiária	Mayara Enohata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S434s
2.ed.

Scliar, Moacyr, 1937-

O sertão vai virar mar / Moacyr Scliar. - 2.ed. - São Paulo : Ática,
2008.

120p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

ISBN 978-85-08-12025-3

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 - Literatura infantojuvenil. 2. Brasil
- História - Guerra de Canudos, 1897 - Literatura infantojuvenil. I. Título.
II. Série.

08-3090.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12025-3 (aluno)

2017
2ª edição
11ª impressão

CL: 736570
CAE: 241532

Impressão e Acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2002
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Tel.: (0XX11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



APÓS UM SÉCULO, UM RETORNO AOS SERTÕES

A Semana de Cultura no colégio de Gui está próxima e a turma não sabe que trabalho fazer. Até que o professor de história lhes apresenta *Os Sertões*, que descreve a trágica Guerra de Canudos, ocorrida há pouco mais de um século, bem próximo à cidade onde os garotos moram. O clássico de Euclides da Cunha denunciava, na época, a morte de aproximadamente 25 mil sertanejos, incluindo mulheres, idosos e crianças, todos seguidores do beato Antônio Conselheiro.

Gui e sua turma se empolgam com a leitura do livro e têm uma ideia: promover uma espécie de julgamento dos diferentes pontos de vista que envolveram a tragédia, avaliando os atos de Conselheiro, o personagem principal do conflito.

Enquanto se preparam para o evento, Gui, Martinha, Gê e Queco ganham um novo colega: o misterioso Zé, vindo do sertão alagado por uma represa, do “sertão que virou mar” — profecia do líder espiritual de Canudos que se cumpriu. Pouco depois, surge uma figura ainda mais misteriosa, que deixa apreensiva toda a cidade: um novo beato, Jesuíno Pregador, está atraindo uma multidão de seguidores fanáticos para o Buraco, a vila mais pobre da região. Depois de um século da campanha de Canudos, poderia a tragédia histórica se repetir? A chegada de Zé e Jesuíno, num mesmo momento, vindos de uma mesma região, seria mera coincidência?

Em *O sertão vai virar mar*, Moacyr Scliar, um dos mais importantes escritores da atualidade, oferece ao leitor a oportunidade de conhecer um grande clássico de nossa literatura e saber um pouco mais sobre uma das maiores tragédias ocorridas no Brasil em todos os tempos. Na história de um grupo de amigos que não se rende aos preconceitos, a percepção de que na solidariedade, aliada à perseverança, pode estar a possibilidade de vitória sobre as injustiças sociais.

O editor

SUMÁRIO

1	Bem-vindos a Sertãozinho de Baixo, o lugar onde tudo aconteceu	9
2	Alguém chega para nos lembrar que o velho sertão ainda existe	15
3	Tentando entender o sertão	21
4	Descobrimo Euclides	27
5	Alguma coisa acontece	33
6	Mas não, não estava tudo bem	40
7	Entramos em Canudos	53
8	Amplia-se a guerra contra o Conselheiro... ..	62
9	... E começa o conflito em Sertãozinho de Baixo	70
10	Em busca do Zé	75
11	O fim de Canudos	87
12	Ainda existem histórias que terminam bem?	103
	Outros olhares sobre <i>Os Sertões</i>	109





• 1 •

.....
Bem-vindos a Sertãozinho de Baixo,
o lugar onde tudo começou
.....

Já faz um tempo que esta história aconteceu, alguns anos, para dizer a verdade, mas só agora resolvi contá-la. Escrever é uma coisa que gosto de fazer; é uma forma de preservar a nossa memória e, até mesmo, de entender as coisas. Quando a gente põe no papel aquilo que nos aconteceu, é como se estivéssemos vivenciando de novo os acontecimentos, descobrindo coisas que antes não nos haviam ocorrido. O que, no caso da presente história, é um prazer e uma fonte de emoções. Aqui vai, pois.

Moro numa cidade chamada Sertãozinho de Baixo. Estranha, a denominação? Pois é. Muita gente achava isso, inclusive, e principalmente, na própria cidade. Gente que não gostava do “Sertãozinho” e não gostava do “de Baixo”. Políticos e empresários até promoveram uma campanha para mudar o nome. Por que “de Baixo”, indagavam, se não há um Sertãozinho de Cima? Mas houve, sim, uma vila com esse nome — só que desapareceu quando a área em que ficava foi inundada para a construção da grande represa de Mar-de-Dentro. Quanto a “Sertãozinho”, a razão da implicância era

dupla: primeiro, o diminutivo, lembrando lugar pequeno; depois, e mais importante: de maneira geral, sertão alude a um lugar agreste, distante, de gente pobre e inculta. E a nossa cidade, diziam, já tinha deixado essa situação para trás. Ainda não éramos uma metrópole, mas estávamos crescendo, progredindo. Propunham para ela o nome de Fernando Nogueira, o fundador do *shopping*, que havia falecido poucos anos antes. Um plebiscito foi feito e a maioria dos votantes optou por manter a denominação tradicional. Continuamos o Sertãozinho de Baixo. Mas com um título adicional: “Novo Sertão”, expressão criada por uma agência de publicidade contratada pelo prefeito de então, Felisberto de Assis, um político veterano e de não poucas ambições. Na apresentação da campanha, que incluía prospectos, cartazes coloridos e até filmes para tevê, explicou o publicitário encarregado, um carioca chamado Josino Albuquerque (“descendente de baianos, e com muito orgulho”):

— O objetivo desta campanha é transformar o limão em limonada: o que antes era a imagem do atraso, hoje pode ser o começo de uma riqueza. Sertão, sim. Geograficamente falando, sertão. Mas é um outro sertão, o sertão que vai em frente, o sertão gerador de riquezas. Enfim: o Novo Sertão!

O que provocou mais discussão. Muita gente achou aquela história de “O Novo Sertão” frescura, coisa para impressionar ingênuos. No jornal às vezes aparece a expressão, às vezes não. O nome da cidade é que ficou.

Polêmicas e campanhas à parte, Sertãozinho de Baixo era, e é, um lugar bom de morar. Meu pai, por exemplo, sempre gostou daqui. Agora aposentado por doença (tem uma artrite rebelde e incapacitante), foi, durante muitos anos, o delegado de polícia. Era respeitado, mas não temido; ao contrário, as pessoas o admiravam, consideravam-no um homem sábio. Para ele, manter a ordem não queria dizer meter medo às pessoas. Acreditava muito mais no diálogo — mes-

mo com delinquentes. Uma vez um assaltante entrou numa agência bancária. Cercado, e muito nervoso, disse que só sairia de lá morto. Meu pai, sozinho e desarmado, entrou no lugar. Conversou por mais de uma hora com o assaltante e por fim saiu trazendo-o pelo braço. O homem chorava como uma criança e declarou ao jornal que fora convencido pelo delegado, “homem de coração de ouro”.

Meu pai tem razão: a cidade é agradável, pacífica. E antiga: tem mais de trezentos anos, como se constata pela bela igreja e pelo casario colonial. Antiga, mas não atrasada: nos últimos anos, surgiram também fábricas — uma delas muito grande, a Indústria Têxtil Coroado —, novas lojas, o *shopping* Nogueira... E também prédios de apartamentos e até algumas mansões.

Mas há muita pobreza. Sempre houve. No lugar chamado Buraco — uma enorme vila popular que tem mais de trinta anos —, as casinhas até hoje são humildes, as condições de vida, muito duras. Em outras cidades, bairros assim são o reduto de traficantes, de criminosos. Não em Sertãozinho de Baixo. Na nossa cidade, pobreza sempre esteve mais associada à resignação do que à violência. “O que se vai fazer, é a vontade de Deus” era uma frase que se ouvia comumente.

Esse tipo de atitude deixava meu amigo Geraldo Camargo, o Gê, muito irritado. Para ele, os pobres deveriam se revoltar, mostrar sua inconformidade, lutar por seus direitos. Escreveu até um poema intitulado “A resignação é o ópio do povo”. Gê era o presidente do grêmio estudantil — e um líder muito combativo. Volta e meia brigava com a direção do colégio, para grande consternação do pai, Henrique Camargo, dono de uma loja de roupas no *shopping*. “Não entendo meu filho”, queixava-se a meu pai, que era seu confidente — aliás, confidente de muitas outras pessoas também.

O Colégio Horizonte, a escola particular em que estudávamos, era o melhor da cidade. Na época, não tinha muitos

alunos, cerca de quinhentos, de modo que quase todo mundo se conhecia. Gê e eu éramos colegas de aula — e amigos de infância. Criança ainda, Gê — que hoje é vereador, o vereador mais jovem da cidade — começou a mostrar sua vocação política. Quando criamos nosso time de futebol, imediatamente assumiu a liderança, ainda que não fosse o melhor jogador — o melhor jogador, modéstia à parte, era este que vos fala. Nos trabalhos em grupo tomava a iniciativa e distribuía as tarefas. Nunca hesitou em brigar por aquilo que considerava certo. E nunca desistiu de me envolver em política. Tentava motivar-me, emprestando-me livros e folhetos, mas a mim tal tipo de literatura não interessava muito. O que deixava o Gê muito irritado:

— A gente precisa ter ideais! A gente precisa mudar o mundo, Gui!

Gui — Guilherme Galvão — sou eu. Até hoje o pessoal me trata por esse apelido. Doutor Gui — formei-me em medicina no ano passado —, mas Gui, de qualquer jeito. Gê e Gui: os apelidos eram parecidos, mas fisicamente éramos bem diferentes. Eu era alto; ele, baixinho. Eu era um garoto calmo, coisa que deixava minha mãe intrigada:

— No campo de futebol você corre de um lado para o outro — observava —, em casa você é um molenga.

E acrescentava, irônica:

— Pelo menos na hora de arrumar o seu quarto.

Gê, elétrico, não parava quieto. Gostava de falar — e falava bem; discurso era com ele mesmo. Queria ser advogado e chegou a entrar numa faculdade em Juazeiro, que fica a algumas dezenas de quilômetros de Sertãozinho. Mas interrompeu os estudos para se candidatar à Câmara de Vereadores. Exatamente como o professor Armando tinha previsto:

— O Gê ainda vai ser um líder político nesta cidade.

O Armando era o nosso professor de história. Excelente professor. Para ele, história não era só decorar datas de bata-